

Brasil e China concordam em construir o satélite Cbers-2B, para preencher lacuna entre o Cbers-2 e o Cbers-3

A China queria antecipar o lançamento do Cbers-3, para coincidir com o fim do Cbers-2, mas o Inpe considerou o plano inviável no prazo dado. Daí a idéia do Cbers-2B, um clone do Cbers-2, mais fácil e rápido de fazer

José Monserrat Filho escreve para o 'Jornal da Ciência':

A cooperação espacial com a China demonstra mais uma vez que continua sendo nosso mais importante programa internacional no setor.

Embora ela seja fruto de uma série de acordos iniciada há 16 anos, em 1988, e tenha passado por perigosas turbulências que por pouco não a condenaram à extinção, seus resultados, hoje, são altamente positivos e mutuamente vantajosos.

No começo, ela foi definida com o primeiro grande projeto de cooperação espacial envolvendo tecnologia de ponta entre países em desenvolvimento.

O mérito da iniciativa cabe ao primeiro ministro da C&T no Brasil, Renato Archer, que ocupou o cargo de 1985 a 1987. Ele vislumbrou o que agora é uma grata realidade. E promoveu todas as negociações necessárias.

Entre os negociadores estavam o diplomata Celso Amorim, hoje ministro das Relações Exteriores, Marco Antônio Raupp (hoje diretor do Laboratório Nacional de Computação Científica – LNCC), então diretor do Inpe, e José Raimundo, engenheiro do Inpe. Durante muitos anos, José Raimundo coordenou o projeto pelo lado brasileiro.

Louve-se também o papel decisivo de outro diplomata, Roberto Abdenur – hoje embaixador do Brasil nos EUA –, representante do Brasil em Beijing no

início dos anos 90, na defesa e na preservação deste acordo espacial com a China, que o Governo Collor tentou eliminar por vários meios.

O acordo previa a construção de dois satélites de observação dos recursos naturais da Terra – o Cbers-1 e o Cbers-2. Cbers quer dizer ‘Chinese-Brazilian Earth Resources Satellite’, ou seja ‘Satélite Sino-Brasileiro de Recursos Naturais’.

O Cbers-1, lançado em 1999, não teve o êxito esperado, apesar de alguns resultados positivos. Falhas afetaram a qualidade de suas imagens.

Já o Cbers-2, lançado em outubro de 2003, vai muitíssimo bem, obrigado. Suas imagens são consideradas excelentes. Mas há um problema: a vida útil do Cbers-2 está prevista para apenas dois anos. Pode até durar mais. Mas a garantia é para dois anos.

O sucesso do programa Cbers em termos de colaboração e trabalho conjunto foi tão animador que Brasil e China resolveram, em 2002, construir mais dois satélites – o Cbers-3 e o Cbers-4. O programa, assim, tornava-se de longo prazo, quase permanente, sem data para acabar.

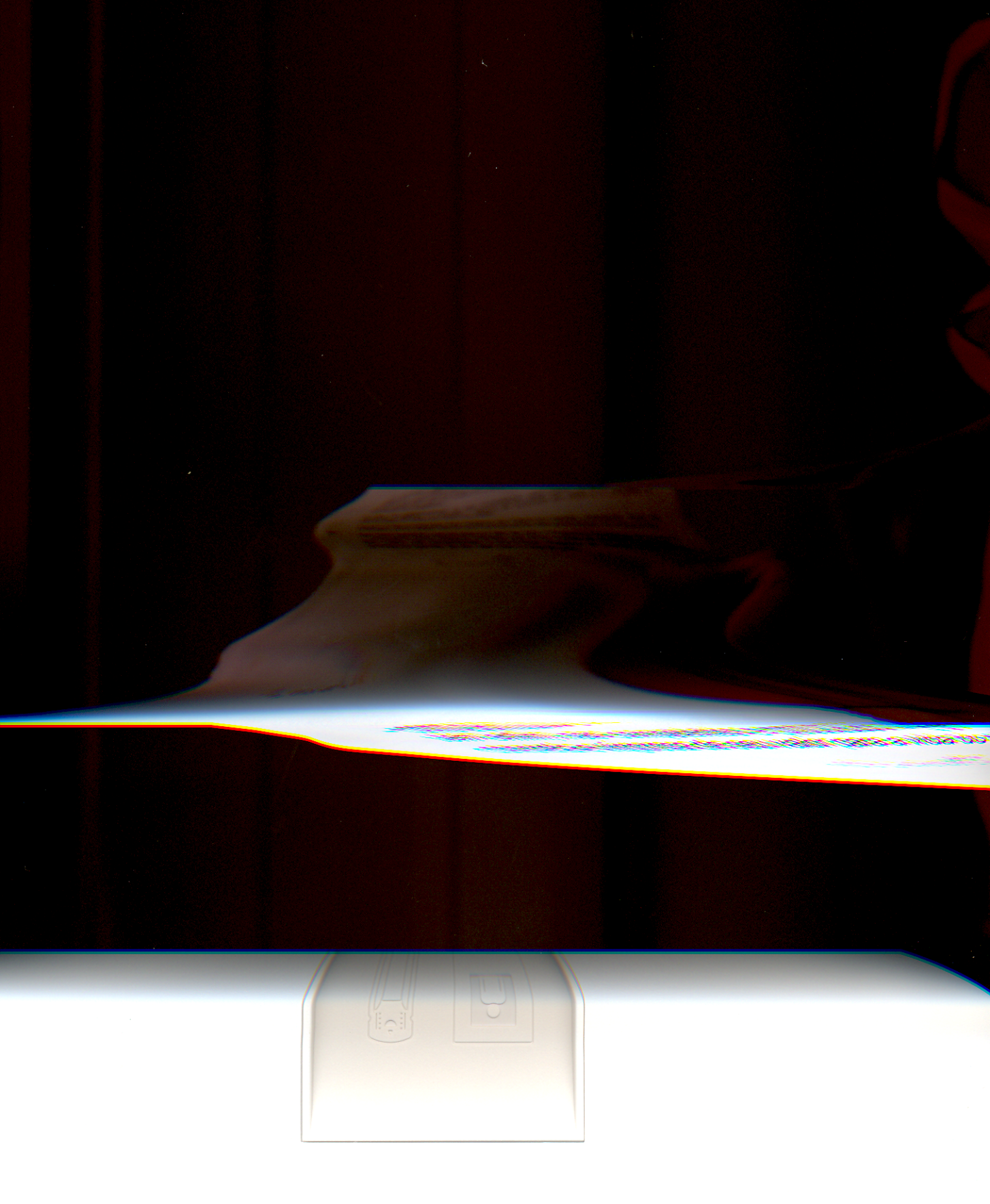
Como o Cbers-3 deve ser lançado somente para 2008, surgiu o risco de faltar imagens no período entre o fim das atividades do Cbers-2, em 2006-2007, e o início de funcionamento do Cbers-3.

Para o Governo chinês, essa interrupção comprometeria seus sistemas de informação. Daí a proposta de acelerar a construção e antecipar o lançamento do Cbers-3, para evitar qualquer solução de continuidade.

Técnicos chineses desembarcaram no Brasil há cerca de duas semanas com esta proposta. Os técnicos brasileiros estudaram a idéia e concluíram não haver condições para finalizar o Cbers-3 no prazo requerido, ele que será bem mais avançado do que o Cbers-2.

Daí a idéia muito razoável de se produzir um ‘satélite tampão’ entre o Cbers-2 e o Cbers-3: o Cbers 2B – simples clone do Cbers-2, relativamente fácil e rápido de construir e de lançar até 2006.

O assunto foi mantido sob reserva umas duas ou três semanas. Mas eis que o próprio presidente da Agência Espacial Brasileira, Sérgio Gaudenzi,



O Landsat, diga-se de passagem, está com dificuldades de manter o seu serviço. O satélite que está em operação é ainda o Landsat 5, lançado em 1984, ou seja, há 20 anos, com vida útil prevista para apenas quatro anos. Já com mais de 100 mil voltas em órbita, é quase um milagre que ele continue fornecendo imagens.

E não há perspectivas de sua substituição para breve. O lançamento do Landsat 6 falhou, o Landsat 7 deixou de funcionar em 2003 e o Landsat 8 talvez seja lançado em 2007 ou 2008.

Assim, o Brasil precisa das imagens do Cbers em escala crescente. Elas já exercem papel essencial no acompanhamento das queimadas na Amazônia.

Mas tão relevante quanto isso é o fato de que o Programa Espacial Brasileiro – como bem notou Gilberto Câmara, que dirige a área de satélites do Inpe – tem enfim, nas competentes e procuradas imagens do Cbers, uma prova concreta e vigorosa de seu valor para a vida do país.